

FASUL EDUCACIONAL **(Fasul Educacional EaD)**

PÓS-GRADUAÇÃO

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL CULTURAL

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL CULTURAL

DISCIPLINA: ARTES, HISTÓRIA E SOCIEDADE
RESUMO
Estudo de tópicos fundamentais da História da Arte no Brasil com abordagem interdisciplinar, envolvendo aspectos históricos, sociológicos e artísticos, considerando o período que abrange desde a Pré-História (arte pré-colonial) até nossos dias. Competências: reconhecer a arte como sistema cultural; estudar a arte como fenômeno social; identificar o papel das instituições artísticas e culturais para a configuração do campo artístico no Brasil; apresentar artistas e obras da arte brasileira. Habilidades: conhecer as produções e os diferentes momentos da arte no Brasil; identificar aspectos da arte desde o período pré-colonial até a contemporaneidade.
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO
AULA 1 CAVERNAS E DESENHOS A PINTURA CORPORAL INDÍGENA CERÂMICA INDÍGENA OS VIAJANTES HOLANDESES EM BELAS PAISAGENS IMAGINÁRIO DA FAUNA E DO INDÍGENA
AULA 2 OS ANTECEDENTES EUROPEUS O BARROCO DE CADA REGIÃO DO BRASIL: PARTICULARIDADES AS IGREJAS BAIANAS IGREJAS MINEIRAS GRANDES MESTRES
AULA 3 MISSÃO ARTÍSTICA FRANCESA NO BRASIL VIAGEM PITORESCA ATRAVÉS DO BRASIL: JOHANN MORITZ RUGENDAS ACADEMIA IMPERIAL DE BELAS ARTES: PROMOÇÃO POLÍTICA E POSSIBILIDADE DE CRÍTICA ESCOLA NACIONAL DE BELAS ARTES: REFORMA E OUSADIA APROXIMAÇÕES COM O MODERNO
AULA 4 A IMPORTÂNCIA DE UMA ARTE NACIONAL: VICENTE DO REGO MONTEIRO O ÁPICE MODERNISTA EM SÃO PAULO O ÁPICE MODERNISTA NO RIO DE JANEIRO? OSWALDO GOELDI ECOS MODERNISTAS NO PARANÁ
AULA 5 NO RIO DE JANEIRO: CONTEXTO POLÍTICO E SENSIBILIDADE ARTÍSTICA SÃO PAULO E A URBANIZAÇÃO A CRIAÇÃO DOS MUSEUS DE ARTE MODERNA EM SÃO PAULO E NO RIO DE JANEIRO

INSTITUIÇÃO DE NOVOS PARADIGMAS - A BIENAL DE 1951
OS ABSTRATOS

AULA 6

NOVAS LINGUAGENS E NOVAS TECNOLOGIAS: O VÍDEO E O MAC-USP
DESMATERIALIZAÇÃO E CONCEITUALISMO
NEOCONCRETISMO
ARTE E ENGAJAMENTO
GRAFITE E A RELAÇÃO SOCIAL COM A CIDADE

BIBLIOGRAFIAS

- BORGES, E.; FRESSATO, S. Arte em seu Estado: história da arte paranaense. vol.1. Curitiba: Medusa, 2008.
- LIPPARD, L.R.; CHANDLER, J. A desmaterialização da arte. Revista Arte & Ensaios. n.25., maio, 2013. Disponível em: www.ppgav.eba.ufrj.br2013/12ae25_lucy.pdf. Acesso em: 24 nov. 2016.
- NAVES, R. A forma difícil: Ensaios sobre arte brasileira. São Paulo: Ática, 1996.

DISCIPLINA:

RELIGIÕES, CULTURA E IDENTIDADE

RESUMO

Temos como objetivo conhecer as relações entre Cultura e Religião e sua influência na construção de identidades, entender o processo cultural que dá origem à diversidade religiosa e suas múltiplas identidades e reconhecer a religiosidade como um fenômeno cultural.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

RELIGIÕES E RELIGIOSIDADES
A CULTURA COMO UM FENÔMENO HUMANO
HIBRIDISMO CULTURAL
COLONIALISMO CULTURAL
CULTURA POPULAR E RELIGIOSIDADE

AULA 2

AS QUATRO MATRIZES DA RELIGIOSIDADE BRASILEIRA
RELIGIÕES DE MATRIZ INDÍGENA
MATRIZ OCIDENTAL/CRISTÃ
RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA
RELIGIÕES DE MATRIZ ORIENTAL

AULA 3

PAISAGENS RELIGIOSAS
REPRESENTAÇÕES CULTURAIS E RELIGIOSAS
ETNOCENTRISMO E ALTERIDADE
ESTADOS TEOCRÁTICOS
ESTADOS LAICOS

AULA 4

ÍNDIOS, INDÍGENAS OU NATIVOS?
OS GUARANIS

NANDEREKO: A RELIGIÃO GUARANI
MBORAYU: O ESPÍRITO QUE NOS UNE
TEKOHÁ PORTÃ: LUGARIDADE SAGRADA GUARANI

AULA 5

A UMBANDA TEMA
O CANDOMBLÉ
OS ORIXÁS
RITUAL DE INICIAÇÃO NO CANDOMBLÉ: FEITURA DE CABEÇA
CANDOMBLÉ: DANÇA E COMIDA

AULA 6

BUDISMO
XINTOÍSMO
CONFUCIONISMO
TAOÍSMO
HARE KRISHNA

BIBLIOGRAFIAS

- ALVES, R. O enigma da religião. 4. ed. Campinas: Papiros, 1988.
- BAUMAN, Z. Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BERGER, P. L. Os múltiplos altares da modernidade: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista. Petrópolis: Vozes, 2017.

DISCIPLINA:

ENSINO DAS ARTES EM DIFERENTES CONTEXTOS: CENTROS CULTURAIS E
PROJETOS SOCIAIS

RESUMO

Neste material iremos abordar: proposição de temas da atualidade relativos ao ensino e mediação das Artes Visuais em espaços culturais e de educação não formal; análise crítica e avaliação de projetos existentes nesses espaços; temas atuais e experiências educativas, culturais e formativas para o ensino das Artes Visuais; o conceito de mediação, ação cultural e ação educativa; processos de mediação; estudar e desenvolver experiências educativas, culturais e formativas; conhecer relações entre estudos da cultura e da arte; identificar processos de criação e metodologia de artes visuais; comparar e desenvolver experiências educativas, culturais e formativas; conhecer e analisar o ensino de arte em espaços não formais.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

IDEIA DE CULTURA
INTERCULTURALIDADE
POLÍTICAS CULTURAIS NO BRASIL
TRANSCULTURALIDADE
CULTURA E EDUCAÇÃO

AULA 2

SISTEMA DE ARTES
MERCADO DAS ARTES
AGENTES DAS ARTES

CIRCUITO AMPLIADO
INSTITUIÇÕES DE ARTES

AULA 3

NOVAS PRÁTICAS DOS ESPAÇOS EXPOSITIVOS
NOVAS DINÂMICAS DE RECEPÇÃO
NOVAS DINÂMICAS DE PRODUÇÃO
ESPAÇOS AUTÔNOMOS
NOVAS DINÂMICAS DE DISTRIBUIÇÃO

AULA 4

PEDAGOGIAS EMERGENTES
EXEMPLOS COLABORATIVOS: STELARO, 2007
EDUCAÇÃO E ARTE
MOVIMENTO DE ENCONTRO: AÇÃO DE ACOLHIMENTO
PRÁTICAS COLABORATIVAS

AULA 5

DIVERSIDADE DE PROPÓSITOS
MEDIAÇÃO: TRABALHO COLABORATIVO
DIVERSIDADE DE CONTEXTOS
SENSAÇÕES: LUGAR DO CORPO
EXPERIÊNCIAS PARTICIPATIVAS

AULA 6

ATIVISMO E MOBILIDADE URBANA
MAPEAMENTO COMUNITÁRIO
CONTRAPARTIDAS, CRIAÇÃO E COMUNIDADE
PAISAGENS SONORAS
PERFORMANCE E PARTILHA

BIBLIOGRAFIAS

- BANDEIRA, D. Ensino das Artes Visuais em diferentes contextos: experiências educativas, culturais e formativas. Curitiba: InterSaberes, 2017.
- HOFF, M. (Org.). Pedagogia no campo expandido. Porto Alegre: Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, 2011.
- WILLIAMS, R. Cultura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

DISCIPLINA:

ARTES - FUNDAMENTOS E METODOLOGIAS NO ENSINO

RESUMO

Quando falamos em ensino de arte, temos de ficar atentos para as diversas modalidades no qual ele pode estar inserido. Ele pode ser realizado em um ateliê, onde os alunos buscam por conhecimentos específicos e apontados por eles mesmos, ou são atraídos por propostas prévias feitas pelo instrutor – no caso, o professor. Esse ensino também pode ser trabalhado em sala de aula, onde os alunos são matriculados desde a infância e recebem conhecimentos sobre arte embasados em documentos e materiais didáticos que norteiam o fazer artístico-pedagógico de seus professores. A questão é: qual a diferença entre esses dois meios descritos? Uma divisão bem abrangente divide esses dois modos de ensinar arte.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

SOBRE A ARTE NA ESCOLA
DOCUMENTOS PÚBLICOS EMBASADORES
TRAJETÓRIA DO ENSINO DA ARTE NO BRASIL OS PRIMEIROS PASSOS
A MISSÃO ARTÍSTICA FRANCESA E FATOS POSTERIORES
O MOVIMENTO DE ARTE MODERNA E FATOS POSTERIORES

AULA 2

PARÂMETROS NACIONAIS PARA O ENSINO DA ARTE
BNCC: COMPETÊNCIAS
BNCC: OBJETOS DE CONHECIMENTO E HABILIDADES
O PAPEL DO PROFESSOR DE ARTE
A ARTE COMO LINGUAGEM

AULA 3

ARTE E COTIDIANO
A ABORDAGEM TRIANGULAR
A INDÚSTRIA CULTURAL E O ENSINO DA ARTE
ESCOLA: UM ESPAÇO DE SOCIALIZAÇÃO
RAZÕES PARA ENSINAR ARTE NA ESCOLA

AULA 4

ARTES VISUAIS: ABORDAGENS E METODOLOGIAS
OBRAS DE ARTE NA SALA DE AULA
ARTES VISUAIS: INTERAGINDO COM AS DEMAIS LINGUAGENS
A MÚSICA NO CONTEXTO DO ENSINO FORMAL
MÚSICA: INTERAGINDO COM AS DEMAIS LINGUAGENS

AULA 5

A DANÇA NO CONTEXTO DO ENSINO FORMAL
O TEATRO NO CONTEXTO DO ENSINO FORMAL
BNCC: ARTES INTEGRADAS
ARTES VISUAIS: PROPOSTAS DE INTERAÇÃO COM DANÇA E TEATRO
A AVALIAÇÃO EM ARTE

AULA 6

A ESCOLA INCLUSIVA
A BNCC DIANTE DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA
HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA PARA CEGOS
A SOCIEDADE PESTALOZZI, A APAE E OUTRAS INSTITUIÇÕES
A ARTE EDUCAÇÃO INCLUSIVA E O PAPEL DO EDUCADOR

BIBLIOGRAFIAS

- BRASIL. Ministério de Educação. Secretaria de Educação Especial. Educação inclusiva: direito à diversidade – Curso de formação de gestores e educadores. Brasília: MEC/SEESP, 2004.
- BARBOSA, A. M. T. B. História da Educação: a experiência de Brasília – I Simpósio Internacional de História da Arte-Educação – ECA-USP. São Paulo: Max Limonad, 1986.

- SCHRAMM, M de L. L. As tendências pedagógicas e o ensino-aprendizagem da arte. In: PILLOTTO, S. S. D. Ilvia Sell Duarte; SCHRAMM, M de L. L. (Org.). Reflexões sobre o ensino das artes. Joinville: Ed. Univille, 2001. v. 1, p. 20-35.

DISCIPLINA:
O ENSINO DE HISTÓRIA E SUAS LINGUAGENS
RESUMO
Esta disciplina tratará sobre as fontes na produção do conhecimento histórico. Revisaremos a noção de História e a sua distinção com relação ao passado propriamente dito. A seguir, o foco se voltará para as renovações teórico epistemológicas pelas quais a História passou durante o século XX. Em seguida, os assuntos serão a ampliação do universo documental e a multiplicidade de fontes possíveis para o fazer historiográfico. Por fim, serão abordadas as possibilidades de utilização de fontes históricas em sala de aula.
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO
AULA 1 A RENOVAÇÃO DA HISTÓRIA NO SÉCULO XX A AMPLIAÇÃO DO UNIVERSO DOCUMENTAL UMA MULTIPLICIDADE DE DOCUMENTOS AS FONTES EM SALA DE AULA
AULA 2 ROBLEMATIZANDO O “EFEITO DE REAL A “NOVA HISTORIOGRAFIA” E A LINGUAGEM FICCIONAL FILMES EM SALA DE AULA: O ANTES FILMES EM SALA DE AULA: O DURANTE E O DEPOIS
AULA 3 OBJETIVOS PARA O USO DA CANÇÃO PRÁTICAS E METODOLOGIAS PARA UTILIZAÇÃO DA MÚSICA EM SALA A ANÁLISE DA LETRA RELACIONANDO MÚSICA E TEMA
AULA 4 CARTOGRAFIA EM SALA DE AULA OS MAPAS PORTULANOS NO CONTEXTO DAS GRANDES NAVEGAÇÕES OS MAPA-MÚNDI DA PRIMEIRA MODERNIDADE E UMA NOVA CONFIGURAÇÃO DE GLOBO TERRESTRE A REPRESENTAÇÃO DOS NATIVOS BRASILEIROS POR MEIO DE IMAGENS
AULA 5 OS JORNAIS E SUAS ESPECIFICIDADES O JORNAL EM SALA DE AULA DESMISTIFICANDO A NEUTRALIDADE JORNALÍSTICA UMA POSSIBILIDADE DE ANÁLISE
AULA 6 A MEMÓRIA COLETIVA MEMÓRIA COLETIVA E PATRIMÔNIO CULTURAL

MEMÓRIA COLETIVA E HISTÓRIA LOCAL
MEMÓRIA COLETIVA, PATRIMÔNIO CULTURAL E HISTÓRIA LOCAL: ABORDAGENS POSSÍVEIS

BIBLIOGRAFIAS

- BURKE, P. O que é história cultural. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.
- PESAVENTO, S. J. Correntes, campos temáticos e fontes: uma aventura da História. História & História Cultural. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- REIS, J. C. História e teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2003.

DISCIPLINA:

LEIS DE INCENTIVO E PROJETOS CULTURAIS EM ARTES VISUAIS

RESUMO

Nesta disciplina serão abordados os seguintes conteúdos: tópicos sobre projetos culturais, leis de incentivo à cultura, políticas culturais, marketing e produção cultural; estudos de caso; elaboração de um projeto cultural em Artes Visuais. Também iremos estudar projetos culturais, leis de incentivo à cultura, políticas culturais, marketing e produção cultural; conhecer e avaliar casos específicos; elaborar projeto cultural em Artes Visuais.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

OS CAMPOS DIVERSOS DAS ARTES
ARTE COMO PATRIMÔNIO PÚBLICO E PRIVADO
OS MERCADOS DAS ARTES
LEIS DE INCENTIVO
CAPTAÇÃO DE RECURSOS

AULA 2

INTERESSES DO CAPITAL PÚBLICO E DO CAPITAL PRIVADO
ESTRATÉGIAS DE CAPTAÇÃO DE RECURSOS
CONTROLE DA EQUIPE
CONTROLE FINANCEIRO
PRESTAÇÃO DE CONTAS

AULA 3

ENSINO E POPULARIZAÇÃO DAS ARTES
CRIAÇÃO DE CENTROS CULTURAIS
CONSERVAÇÃO E RESTAURO
MOSTRAS, SALÕES E FEIRAS
CONSIDERAÇÕES FINAIS

BIBLIOGRAFIAS

- CESNIK, F. de S. Guia do incentivo à cultura. Barueri: Manole, 2007.
- MORES, U. S. Leis de incentivo e sistemas colaborativos de financiamento. Curitiba: Intersaberes, 2017.
- PORTAL BRASIL. Regulamentação e incentivo de projetos culturais pela Lei Rouanet. Ministério da Cultura e Educação, Governo Federal do Brasil, 2017. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cultura/regulamentacao-e-incentivo>.

DISCIPLINA:

TEORIA E PRÁTICA EM ANTROPOLOGIA
RESUMO
Neste material serão abordados: : objetivos e métodos da antropologia (história, trabalho de campo e as principais correntes do pensamento antropológico), particularidades da antropologia brasileira (compreendê-la implica em apontar para os projetos nacionais de construção da identidade nacional); diálogo com a sociologia (interpretações antropológicas de temas como cidadania, racismo e festividades); relações possíveis entre sistema mundial e diversidades locais. Competências e habilidades: desenvolver o conhecimento crítico relacionando a experiência pessoal à antropologia; domínio de temas centrais como cultura, etnocentrismo e diversidade; estabelecer o diálogo entre a antropologia e as demais áreas das ciências sociais.
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO
AULA 1 O QUE É CULTURA? OS DETERMINISMOS NATUREZA E CULTURA PENSAMENTO ANTROPOLÓGICO CULTURA E HISTÓRIA
AULA 2 SURGIMENTO DA ANTROPOLOGIA ETNOCENTRISMO E DIVERSIDADE CULTURAL EVOLUCIONISMO TRABALHO DE CAMPO LIMITES DO TRABALHO DE CAMPO
AULA 3 DESENVOLVIMENTO E INTEGRAÇÃO NACIONAL ESTUDOS INDÍGENAS CONTATUALISTAS E AMERICANISTAS ESTUDOS RURAIS ANTROPOLOGIA URBANA
AULA 4 CULTURA POPULAR E CULTURA ERUDITA FOLCLORE E INTELLECTUAIS DEMOCRACIA RACIAL RACISMO NO BRASIL SÍMBOLOS NACIONAIS
AULA 5 ANTROPOLOGIA NO BRASIL CIDADANIA NO BRASIL A CASA E A RUA O JEITINHO BRASILEIRO NO BRASIL TUDO ACABA EM CARNAVAL?
AULA 6 DIVERSIDADE E GLOBALIZAÇÃO

CAPITALISMO NO PLURAL
IDENTIDADE E NOVAS TECNOLOGIAS
CULTURA COMO CATEGORIA POLÍTICA
POPULAÇÃO E TERRITÓRIOS TRADICIONAIS

BIBLIOGRAFIAS

- CHICARINO, T. Antropologia Social e Cultural. São Paulo: Person Hall, 2014.
- DAMATTA, R. Relativizando: uma introdução à antropologia cultural. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- LARAIA, R. Cultura um conceito antropológico. 24. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

DISCIPLINA:

ARTE E CULTURA POPULAR

RESUMO

O objetivo deste material é compreender os conceitos de cultura e culturas populares, tendo como ciências norteadoras a história e a antropologia. A ideia proposta é nos desvencilhar de concepções pré-concebidas e tentar compreender a importância de um olhar mais analítico sobre as culturas. Também é importante superar a ideia de que conhecimento formal ou condição social privilegiada são sinônimos de ter cultura. A história, por sua vez, nos fará perceber como os intelectuais, ao longo do tempo, foram transformando os seus olhares sobre o tema e valorizando tanto a diversidade quanto as dimensões populares das culturas.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

O CONCEITO ANTROPOLÓGICO DE CULTURA
ETNOCENTRISMO
RELATIVISMO E ALTERIDADE
CULTURAS POPULARES: UM CONCEITO PLURAL
FOLCLORE VERSUS CULTURA POPULAR

AULA 2

IDENTIDADE CULTURAL BRASILEIRA: REFERÊNCIAS HISTÓRICAS
CULTURA POPULAR NACIONAL EM SÍLVIO ROMERO E MÁRIO DE ANDRADE
INTELECTUAIS E ESTADO: ENTRE O POPULAR E O NACIONAL
O NACIONAL E O LOCAL
AS IDENTIDADES REGIONAIS: POPULAR VERSUS MODERNO

AULA 3

CULTURAS MUNDIALIZADAS
CULTURA POPULAR E CULTURA DE MASSAS
URBANIDADE E MODERNIZAÇÃO
PATRIMÔNIO IMATERIAL
MESTRES E MESTRAS

AULA 4

ARTE OU ARTESANATO?
A MÚSICA POPULAR BRASILEIRA E A MÚSICA POPULAR DO BRASIL
O SAMBA E O NACIONAL-POPULAR
MÚSICA, RITUAL E RITMOS REGIONAIS

PATRIMONIALIZAÇÃO E PRESERVAÇÃO DAS ARTES POPULARES

AULA 5

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DA RELIGIOSIDADE BRASILEIRA
O TRÂNSITO, A PLURALIDADE E O SINCRETISMO RELIGIOSO
CONVIVÊNCIA RELIGIOSA
RELATOS DE CAMPO
O CULTO AOS SANTOS NÃO OFICIAIS

AULA 6

NARRATIVAS POPULARES: MITOS
NARRATIVAS POPULARES: LENDAS
O TRABALHO COLETIVO COMO FESTA
A ARQUITETURA POPULAR
A FOLKCOMUNICAÇÃO

BIBLIOGRAFIAS

- BENEDICT, R. O Crisântemo e a espada. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.
- LAPLANTINE, F. Aprender Antropologia. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.
- MAGALHÃES, A. O que é cultura popular. São Paulo, Brasiliense, 1981.

DISCIPLINA:

FUNDAMENTOS DA PRÁTICA PROFISSIONAL EM ARTES VISUAIS

RESUMO

A arte traduz seu tempo, sua narrativa simbólica condensam os momentos históricos que atravessou. Nesse contexto, a arte também pode traduzir assim como questionar, exemplificar e criticar não somente a sociedade, mas também o seu próprio conceito. Nesta disciplina veremos que, é por meio da arte, que artistas se manifestam frente ao seu tempo, seus desejos, angústias, alegrias e frustrações são evidenciadas em suas obras.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

ACADEMIA IMPERIAL DE BELAS ARTES
ESCOLA NACIONAL DE BELAS ARTES
INSTITUCIONALIZAÇÃO DE PROCESSOS CULTURAIS
FORMAÇÃO EM ARTES VISUAIS NO SÉCULO XXI: DIRETRIZES CURRICULARES
DOS CURSOS SUPERIORES EM ARTES VISUAIS
PORTFÓLIO PROFISSIONAL

AULA 2

EMPREGO E TRABALHO NO MUNDO CONTEMPORÂNEO
POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A CULTURA
MODELOS DE APOIO AOS EMPREENDEDORES DAS INDÚSTRIAS CRIATIVAS
NETWORKING
PORTFÓLIO

AULA 3

AS ARTES SÃO AUTOSSUSTENTÁVEIS?
POLÍTICAS PÚBLICAS DE PRODUÇÃO CULTURAL NO BRASIL
MECANISMOS GOVERNAMENTAIS DE INCENTIVO À PRODUÇÃO CULTURAL

PROGRAMAS DE RESIDÊNCIA ARTÍSTICA
SISTEMAS COLETIVOS DE FINANCIAMENTO

AULA 4

ELABORAÇÃO DE PROPOSTAS DE PROJETOS CULTURAIS
COMPONENTES DE PROPOSTAS DE PROJETOS CULTURAIS I
COMPONENTES DE PROPOSTAS DE PROJETOS CULTURAIS II
PARTICIPAÇÃO EM EDITAIS DE INCENTIVO À CULTURA, RESIDÊNCIAS ARTÍSTICAS
E CROWDFUNDINGS
CAPTAÇÃO DE RECURSOS

AULA 5

MERCADO DE ARTE NO BRASIL E NO MUNDO
AS GALERIAS
MUSEUS E CENTROS CULTURAIS
PROCESSOS PARA EXPOSIÇÃO EM GALERIAS, MUSEUS E OUTROS ESPAÇOS
CULTURAIS
ATELIÊS, ESPAÇOS AUTÔNOMOS E INTERNET

AULA 6

ARTISTA VISUAL
CURADOR
CRÍTICOS DE ARTE
PRODUTORES CULTURAIS
ARTE-EDUCADORES

BIBLIOGRAFIAS

- DAZZI, C. Pôr em prática a reforma da antiga Academia: dificuldades enfrentadas pela Escola Nacional de Belas Artes (1891-1895). *Visualidades*, [S.l.], v. 15, n. 1, 2017.
- EDUCABRASIL. Disponível em: www.educamaisbrasil.com.br/educacao/carreira. Acesso em: 17 set. 2020.
- FREITAS, E. P.; AGUIARA, M. da C. C. Formação do arte/educador: o papel da coordenação pedagógica nas organizações não formais. *Revista de administração educacional*, Recife, v. 1, n. 1, jan./jun., p. 85-100, 2015.

DISCIPLINA:

MANIFESTAÇÃO DA CULTURA POPULAR

RESUMO

Iremos iniciar trazendo os conceitos de cultura e cultura popular, que serão apresentados no primeiro tópico. Depois, seguiremos para outras temáticas. Passaremos para a definição de manifestação da cultura popular, e iremos entender o processo de construção social e histórica da manifestação da cultura popular. Após compreendermos o que é cultura, cultura popular e manifestações culturais populares, iremos abordar o turismo e a cultura popular. Faremos uma associação entre ambos, e compreenderemos o que é patrimônio cultural e sua relação com o turismo e as manifestações da cultura popular. Agora, vamos seguir juntos, para que nosso processo de construção de conhecimento se torne ainda mais cultural.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

VÍDEO 1 AO VÍDEO 4

AULA 2

VÍDEO 1 AO VÍDEO 4

AULA 3

VÍDEO 1 AO VÍDEO 4

AULA 4

VÍDEO 1 AO VÍDEO 4

AULA 5

VÍDEO 1 AO VÍDEO 4

AULA 6

VÍDEO 1 AO VÍDEO 4

BIBLIOGRAFIAS

- ABIB, P. R. J. Capoeira Angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda. Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura, v. 12, n. 1, 2004.
- DIAS, J. F. À cabeça carrego a identidade: o orí como um problema de pluralidade teológica. Afro-Ásia, n. 49, 2014.
- MARCHIORI, M. (org.). Cultura e interação. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2017.

DISCIPLINA:

EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS - ELEMENTOS EDUCACIONAIS E CULTURAIS

RESUMO

Há uma definição clássica, e até pueril, do termo “direito”, que significa exatamente aquilo que é reto, correto ou justo — e, por conseguinte, se opõe ao que é torto. Quando se traz esse debate para a lógica dos direitos humanos, não raro falácias do tipo “só é possível direitos humanos para humanos direitos” podem aparecer no discurso. Dentro dessa perspectiva, a primeira questão a se considerar é que não se trata de um direito só de quem “é correto” ou “merece” Direitos Humanos, pois a concepção dos Direitos Humanos, como a própria declaração de 1948 ilustra, é universal. Direitos não são favores, súplicas ou gentilezas. Não se pede um direito, luta-se por ele. A luta pelos Direitos Humanos é, sob esta perspectiva, uma luta pela própria humanidade. Mas cada direito corresponde a um dever — e, ao afirmar isso, não significa dizer que os Direitos Humanos têm sua eficácia por produzirem deveres, mas sim por seus efeitos na produção cultural.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

O QUE SÃO DIREITOS HUMANOS?
DE ONDE VÊM OS DIREITOS HUMANOS
VERTENTES DOS DIREITOS HUMANOS
TENSÕES FUNDAMENTAIS
DIREITOS HUMANOS À BRASILEIRA

AULA 2

A IMPORTÂNCIA DA DIMENSÃO CULTURAL NO ESTUDO DOS DIREITOS HUMANOS
DIREITOS FUNDAMENTAIS E DIREITOS SOCIAIS
AS CONCEPÇÕES IDEALISTA, POSITIVISTA E CRÍTICO-MATERIALISTA DOS DIREITOS HUMANOS

PROTEÇÃO INTERNACIONAL DOS DIREITOS HUMANOS E SUAS IMPLICAÇÕES SOCIOCULTURAIS
CONSIDERAÇÕES ACERCA DA CONFERÊNCIA MUNDIAL SOBRE DIREITOS HUMANOS EM VIENA (1993)

AULA 3

ANTECEDENTES DO PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS (PNEDH)
EIXOS ESTRUTURAIS DO PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS (PNEDH)
ASPECTOS CONJUNTURAIS DO PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS
COMPREENSÃO DA EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS A PARTIR DO PNEDH
OBJETIVOS E DIRETRIZES DO PNEDH

AULA 4

O CAMPO DA DIGNIDADE HUMANA COMO PRINCÍPIO ÉTICO DAS METODOLOGIAS PARTICIPATIVAS
O CAMPO DA POLÍTICA E AS METODOLOGIAS PARTICIPATIVAS PARA EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS
O RETORNO A PAULO FREIRE E SUAS CONCEPÇÕES SOBRE METODOLOGIA PARTICIPATIVA
PERSPECTIVA CONCEITUAL DE CULTURA E METODOLOGIAS PARTICIPATIVAS PARA A EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS
PROPOSIÇÕES SOBRE METODOLOGIA PARTICIPATIVA PARA A EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS POR BITTAR

AULA 5

INTRODUÇÃO AO DEBATE SOBRE DIREITOS HUMANOS E MÍDIAS
MAS DE QUAIS MÍDIAS ESTAMOS FALANDO?
EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS NA “ALDEIA GLOBAL”
O DEBATE SOBRE DIREITOS HUMANOS EM UMA “CULTURA DE MASSAS”
NARRATIVAS DE VIOLÊNCIA A SERVIÇO DE QUÊ?

AULA 6

COMO AS TELAS SE TRANSFORMAM EM FERRAMENTAS OU ARMAS?
AS TELAS E OUTROS APARATOS MIDIÁTICOS COMO PRODUTOS DA INDÚSTRIA CULTURAL
“SHOWRNALISMO”: QUANDO A NOTÍCIA É DESDOBRAMENTO DO ESPETÁCULO
AS RELAÇÕES MEDIADAS POR REDES SOCIAIS: OUTROS DESDOBRAMENTOS DO ESPETÁCULO?
BREVE ANÁLISE DE UM PRODUTO CULTURAL QUE DIALOGA COM A EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS

BIBLIOGRAFIAS

- ARENDT, H. A condição humana. 10. ed. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2000.
- CASTILHO, R. Direitos humanos. São Paulo: Saraiva, 2012.

- GENRO, M; ZITKOSKI, J. Educação e Direitos Humanos numa perspectiva intercultural. Revista da Faeeba – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 23, n. 41, p. 237-245, jan/jun. 2014.

DISCIPLINA:
METODOLOGIAS ATIVAS

RESUMO

A educação é um meio único para trazer mudanças sociais, porém, devido às diversas mudanças na sociedade, surge a necessidade de introduzir mudanças também no sistema educacional. Neste contexto, as metodologias devem oportunizar o cumprimento dos objetivos desejados. Sendo assim, para que os estudantes se tornem participativos, torna-se fundamental a adoção de metodologias que os envolvam e atividades cada vez mais criativas e elaboradas. Nesse sentido, para tratar dessas possibilidades as Metodologias Ativas se tornam essenciais, pois a partir delas se concebe a sala de aula como um espaço vivo, de trocas, resultados e pesquisas.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

O QUE É ENSINO?

METODOLOGIAS DE ENSINO

METODOLOGIAS ATIVAS: CONCEITUAÇÃO

SURGIMENTO DAS METODOLOGIAS ATIVAS: CONTEXTO HISTÓRICO

AULA 2

METODOLOGIAS ATIVAS E TEORIAS DA APRENDIZAGEM

APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA – CONCEITO

APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA – HISTÓRICO

APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA E SUA RELAÇÃO COM AS METODOLOGIAS ATIVAS

AULA 3

METODOLOGIAS ATIVAS E FORMAÇÃO DOCENTE

METODOLOGIAS ATIVAS E TECNOLOGIAS

METODOLOGIAS ATIVAS E A FORMAÇÃO DE COMPETÊNCIAS

TIPOS DE METODOLOGIAS ATIVAS

AULA 4

CULTURA DIGITAL

APRENDER COM TECNOLOGIAS: NOVOS CAMINHOS

A SALA DE AULA HOJE: ESPAÇOS DIVERSOS

METODOLOGIAS ATIVAS, ENSINO A DISTÂNCIA E ENSINO HÍBRIDO

AULA 5

EDUCAÇÃO INCLUSIVA

O ALUNO E SUA RELAÇÃO COM A APRENDIZAGEM

O PAPEL DO PROFESSOR NA PERSPECTIVA INCLUSIVA

METODOLOGIAS ATIVAS COMO ESTRATÉGIA PARA UMA EDUCAÇÃO MAIS INCLUSIVA

AULA 6

ESTUDO DE CASO E SALA DE AULA INVERTIDA

APRENDIZAGEM BASEADA EM PROJETOS
GAMIFICAÇÃO, DESIGN THINKING E CULTURA MAKER
METODOLOGIAS ATIVAS E AVALIAÇÃO

BIBLIOGRAFIAS

- FREIRE, P. Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa. 51. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- _____. Sala de aula invertida: uma metodologia ativa de aprendizagem. Rio de Janeiro: LTC, 2016.
- DEWEY, J. Vida e educação. 10. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978.